

**A GUERRA DA COREIA (1950-1953) SOB O VIÉS DA GUERRA FRIA E SEUS
EFEITOS NO MUNDO ATUAL**

THE KOREAN WAR (1950-1953) UNDER THE COLD WAR BIAS AND ITS EFFECTS IN THE TODAY'S WORLD

Aleksandro Ricardo de Souza

Graduando do Curso de Licenciatura em História - EAD do Centro Universitário São José.

João Marcos Passos dos Santos

Prof. Especialista em História e Normas da ABNT. Tutor Acadêmico do Centro Universitário São José.

Victor Ramos da Silva

Prof. Mestre em Estudos de Linguagem. Coordenador do Curso de História do Centro Universitário São José.

RESUMO

RESUMO: A Guerra da Coreia (1950-1953) se caracterizou por ser o primeiro embate no contexto da Guerra Fria, com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas apoiando o Norte e os Estados Unidos o Sul, palco de um dos mais sangrentos acontecimentos do século XX, onde morreram entre 3 e 4 milhões de pessoas em uma Península de 30 milhões. A Guerra não foi concluída, tendo sido assinado apenas um armistício, com as Coreias seguindo divididas até os dias atuais. Tal fato nos levou à questão norteadora do atual artigo: quais as chances e como podemos avaliar se teremos uma nova Guerra da Coreia? Através de uma pesquisa de cunho bibliográfico com abordagem qualitativa, nossa técnica foi partir de um assunto conhecido e com temática acumulada, através de revisões bibliográficas de outras fontes, sempre com os objetivos propostos em mente. A fim de solucionarmos tal questão, concluímos que devemos inserir outras nações na resolução do conflito para que possam existir conversas e discussões sobre o término efetivo da Guerra da Coreia, com acordo validado tanto pela Coreia do Norte, quanto pela do Sul, ou seja, deve haver participação efetiva comunidade internacional na resolução pacífica, mediando as duas Coreias através de acordos e convenções.

Palavras-chave: Guerra da Coreia; Guerra Fria; Coreia do Norte; Coreia do Sul; Armistício.

ABSTRACT

The Korean War (1950-1953) was characterized as the first conflict in the context of the Cold War, with the Union of Soviet Socialist Republics supporting the North and the United States supporting the South. It was the scene of one of the bloodiest events of the 20th century, in which between 3 and 4 million people died on a peninsula with a population of 30 million. The war was not concluded, with only an armistice being signed, and the Koreas remaining divided to this day. This fact led us to the guiding question of the current article: what are the chances and how can we assess whether we will have a new Korean War? Through bibliographic research with a qualitative approach, our technique was to start from a known subject with accumulated themes, through bibliographic reviews of other sources, always with the proposed objectives in mind. In order to resolve this issue, we concluded that other nations must be included in the resolution of the conflict, so that there can be conversations and discussions about the effective end of the Korean War, with an agreement validated by both North and South Korea, that is, there must be effective participation by the international community in the peaceful resolution, mediating the two Koreas through agreements and conventions.

Keywords: Korean War; Cold War; North Korea; South Korea; Armistice.

INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a Guerra da Coreia (1950-1953), conflito que consolidou a divisão do território entre Coreia do Norte e Coreia do Sul, ocorrida desde a Conferência de Potsdam em 1945. Desde 1910, o país estava sob ocupação japonesa, a qual se encerrou com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. No contexto da Guerra Fria, como ficou conhecido o mundo bi polarizado entre União Soviética e Estados Unidos no pós Segunda Guerra Mundial (1945 a 1991), China e URSS apoiaram a Coreia do Norte, enquanto a ONU e mais de 20 nações, lideradas pelos EUA, apoiaram a Coreia do Sul. A guerra teve um resultado inconclusivo, e, até hoje, as Coreias seguem divididas.

A guerra que se iniciou em 1950 foi resultado direto da divisão que existia na península e que havia sido imposta por Estados Unidos e União Soviética ao final da Segunda Guerra Mundial. Esse conflito refletiu a tensão que existia por causa da bipolarização do mundo no contexto da Guerra Fria.

Nosso objetivo geral no presente artigo é discutir a Guerra da Coreia na esteira do término da Segunda Guerra Mundial e advento da Guerra Fria, bem como suas causas e efeitos na atualidade global. Para tal, demonstramos, através dos objetivos específicos os efeitos da guerra à época na Península Coreana, onde primeiramente relatamos sobre o número de mortos no conflito; após, avaliamos como permanece a relação entre as Coreias, uma vez que não houve acordo de paz ao final do conflito na Península Coreana, apenas uma trégua temporária ou armistício, onde as partes envolvidas no embate armado concordaram em parar de lutar, porém não demarcando necessariamente o fim da guerra, onde inferimos que a Guerra da Coreia não terminou oficialmente e, por fim, verificamos os modelos políticos, econômicos, sociais e culturais de cada Coreia e desmistificamos alguns dados e informações tidos como fatos sobre a República Popular da Democrática da Coreia ou Coreia do Norte, através de obras contemporâneas escritas sobre o país.

O intento de tal texto foi problematizar os efeitos remanescentes da supracitada guerra e como as Coreias, anos após o conflito, influenciam o mundo atual politicamente, economicamente, socialmente e culturalmente, além de entender como se relacionam entre si. Tal fato nos levou à questão problemática do atual artigo: quais as chances e como podemos avaliar se teremos uma nova Guerra da Coreia?

Utilizamos primeiramente das palavras do autor José Manuel Duarte de Jesus, autor da obra “Coreia do Norte: a última Dinastia Kim”¹, lançada em 2018. Nesta, recorreu a um passado mais longínquo para definir os valores fundamentais em causa da Coreia do Norte, enquanto país com uma cultura milenar de raiz chinesa.

O segundo autor ao qual recorreremos foi Cleiton Schenkel, o qual escreveu “Nunca Sozinho: A Vida na Coreia do Norte Pelo Olhar de um Brasileiro” (Schenkel, 2020, p. 10)², no qual relata, como diplomata, sua vida por cerca de dois anos e meio com a mulher e o filho em Pyongyang, na Coreia do Norte. Em suas palavras, percebemos que existe muito sobre a Coreia do Norte hermeticamente fechada que não nos é exposto. O autor, que viveu efetivamente na

¹ DE JESUS, José Manuel Duarte. Coreia do Norte: a última Dinastia Kim. Lisboa, Portugal. Edições 70, 2018.

² SCHENKEL, Cleiton. Nunca sozinho: a vida na Coreia do Norte pelo olhar de um brasileiro. Lisboa, Portugal. Chiado Books, 2020, p. 10.

capital daquele país, assumiu que não há como resumir ou reduzir em rótulos prontos o que se encontra e acontece por trás do isolamento territorial e cultural naquela localidade, nos remetendo a um de nossos objetivos específicos, onde verificamos os modelos políticos, econômicos, sociais e culturais de cada Coreia.

O terceiro autor a fazer parte de nossas fontes foi Fernando Roberto de Freitas Almeida, escritor de “Coreia do Sul: novas visões”³, onde relatou que a Coreia do Sul é um dos países que mais se destacaram no sistema internacional nas últimas décadas, tendo passado de uma situação de extrema pobreza para a posição de país desenvolvido muito rapidamente. Sendo o principal membro do grupo que já foi denominado como "Tigres Asiáticos", além de ter criado e desenvolvido empresas de alta tecnologia, projetadas mundialmente, soube reforçar e, por vezes, reconstruir sua cultura, devastada pela prolongada ocupação japonesa.

O tipo de pesquisa realizada foi a de cunho bibliográfico com abordagem qualitativa, na qual procuramos aprofundar o conhecimento científico acerca do tema em lide, utilizando o manancial existente de livros, artigos e trabalhos acadêmicos que abordaram o assunto proposto, ou seja, nossa técnica foi partir de um assunto conhecido e com temática acumulada, através de revisões bibliográficas de outras fontes, sempre com os objetivos propostos em mente.

Restringindo a necessidade de coleta de dados novos para podermos elaborar o texto, diagnosticamos fatos em documentos já existentes. Com isso em mente, tomamos que a análise qualitativa nos levou a vislumbrar com maior lucidez e ponderação sobre o tema e suas indagações trazidas à baila, onde refletimos acerca da justificativa e questão problemática apresentadas.

Ao nosso sentir, a importância acadêmica de inferir sobre como o embate entre as duas Coreias interfere na geopolítica em um contexto globalizado, ao termos analisado qual foi o impacto nas esferas política, social, econômica e cultural na comunidade internacional, se tornou uma temática em voga pelo simples fato de existir somente um armistício entre os dois países e não o fim da guerra propriamente dita, existindo ainda um clima de tensão entre as duas pátrias.

Socialmente, analisamos o número de mortos e feridos no conflito ocorrido na década de 1950, entendendo o que iniciou a guerra e as causas de não haver efetivamente terminado, como demonstramos com Hobsbawn, quando o autor nos fala que a Guerra da Coreia (1950-1953) configurou-se em um dos episódios mais sangrentos do século XX. Nela morreram entre 3 e 4 milhões de pessoas (em um país de 30 milhões), sendo esta a quarta maior guerra do mundo em número de mortes, atrás apenas das duas guerras mundiais e da Segunda Guerra Sino-Japonesa no período entre 1937 e 1939, produzindo, ainda, cerca de 5 milhões de coreanos deslocados de seu país.⁴

³ ALMEIDA, Fernando Roberto de Freitas. Coreia do Sul: novas visões. Curitiba, Paraná, Brasil. Editorial Casa, 2022, prefácio.

⁴ HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991). Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 32, 58 e 422.

Não podemos esquecer que, academicamente, asseguramos e preservamos em mente que a História tem diversos lados. Como nos ensinou Freitas (Online, 2022)⁵, o próprio nome do fato histórico pode demonstrar uma posição: nos EUA e no Ocidente é Guerra da Coreia, mas na Coreia do Norte é Guerra de Libertação da Pátria. Por esta razão, o governo da Coreia do Norte ou República Popular Democrática da Coreia (RPDC) comemora no dia 27 de julho o que eles chamam de “Dia da Vitória na Guerra de Libertação da Pátria”. Durante a Guerra Fria, ocorreram diversas crises e conflitos sangrentos, em que a URSS e os EUA apoiavam algum dos lados envolvidos, a exemplo da guerra no Vietnã e da que se sucedeu entre 1950 e 1953, na Coreia, a qual temos como base do presente artigo (Freitas, online, 2022).

DESENVOLVIMENTO

1. CONTEXTUALIZANDO HISTORICAMENTE A GUERRA DA COREIA (1950-1953)

A Guerra da Coreia (1950-1953) foi o conflito que consolidou a divisão do território entre Coreia do Norte e Coreia do Sul, ocorrida [desde a Conferência de Potsdam](#) em 1945. Desde 1910, o país estava sob ocupação japonesa, a qual se encerrou com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. No contexto da Guerra Fria, como ficou conhecido o mundo bi polarizado entre União Soviética e Estados Unidos no pós Segunda Guerra Mundial (1945 a 1991), China e URSS apoiaram a Coreia do Norte, enquanto a ONU e mais de 20 nações, lideradas pelos EUA, apoiaram a Coreia do Sul. A guerra teve um resultado inconclusivo, e, até hoje, as Coreias seguem divididas, consonante Campos (Online, 2019)⁶.

Ainda de acordo com Oberdorfer e Carlin (2014), durante a Conferência de Potsdam, realizada em julho de 1945, americanos e soviéticos determinaram que a Península da Coreia seria dividida em duas zonas de influência. O Paralelo 38 seria o marco divisor. A parte norte foi entregue à influência soviética e a parte sul à americana. Analisando-se a história da Coreia fica evidente que não havia uma justificativa para tal divisão de 1945. Além disto, não há um pretexto interno para a escolha do paralelo 38 como divisor da península para além do contexto político-ideológico da Guerra Fria. Portanto, a decisão da divisória – que havia sido deixada nas mãos de dois jovens oficiais – foi arbitrária. Nenhum especialista em Coreia foi ouvido e nenhum dos envolvidos na decisão sabia do antigo tratado russo-japonês, que acabou por ser legitimado pelos EUA (Oberdorfer; Carlin, 2014, p.5)⁷. Em continuação, como nos ensina Vizentini et al:

No breve espaço de tempo entre o colapso da administração colonial japonesa e a chegada das autoridades de ocupação estrangeira, os coreanos tentaram criar suas próprias organizações políticas, tanto na capital como nas

⁶ CAMPOS, Tiago Soares. Guerra da Coreia. Mundo Educação. Disponível em <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/guerra-coreia.htm>>. 2019. Acesso em 24 de fevereiro de 2025.

⁷ OBERDORFER, Don; CARLIN, Robert. The Two Koreas: A Contemporary History. 3. ed. Nova Iorque: Basic Books, 2014, p. 5.

províncias. Contudo, por causa da rapidez do processo, as organizações locais que emergiram tomaram uma variedade de formas e nomes, as quais ficaram conhecidas, genericamente, como Comitês Populares (inmin wiwonhoe). Os soviéticos reconheceram a autoridade dos comitês populares, ao mesmo tempo que tentavam torná-los mais favoráveis a suas políticas. Assim, diferentemente da firme autoridade exercida pelos EUA no sul, de agosto de 1945 a janeiro de 1946, a URSS não chegou a estabelecer qualquer tipo de administração central, mas sim um governo provisório misto, no qual a Administração Civil Soviética (ACS), criada em agosto de 1946, coordenasse com os Comitês Populares. (VISENTINI ET AL., 2015, P.50-51)⁸.

A guerra, que se iniciou em 1950, foi resultado direto da divisão que existia na península e que havia sido imposta por Estados Unidos e União Soviética ao final da [Segunda Guerra](#). Esse conflito refletiu a tensão que existia por causa da bipolarização do mundo no contexto da [Guerra Fria](#).

A longa extensão, a quantidade de mortos e a indefinição do cenário resultaram em negociações por um armistício em Panmunjom. Uma trégua foi assinada em 27 de julho de 1953. Essa trégua deu fim ao conflito, apesar de as duas nações nunca terem assinado um acordo de paz que colocasse um fim oficial na guerra. Passados mais de 60 anos desde a guerra, a relação entre as Coreias ainda é bastante tensa.⁹

O armistício de 1953 foi assinado entre o Comando da ONU, os norte-coreanos e os chineses, com a recusa do governo sul-coreano de assinar o tratado. Neste, foram traçados os aspectos beligerantes e militares do cessar-fogo e a criação da Zona Desmilitarizada ao redor do paralelo 38º, conforme relata Felipe (2019, p.4).¹⁰

Segundo Hobsbawm (1995), a Guerra da Coreia (1950-1953) configurou-se em um dos episódios mais sangrentos do século XX. Nela morreram entre 3 e 4 milhões de pessoas (em um país de 30 milhões), afirmando o célebre autor que esta seria a quarta maior guerra do mundo em número de mortes, atrás apenas das duas guerras mundiais e da Segunda Guerra Sino-Japonesa no período entre 1937 e 1939, produzindo, ainda, cerca de 5 milhões de coreanos deslocados de seu país.¹¹

⁸ VIZENTINI, Paulo Fagundes; et al. A Revolução Coreana: O desconhecido socialismo Zuche. 1. ed. Editora UNESP, 2015.

⁹ SILVA, Daniel Neves. Guerra da Coreia. História do Mundo. Disponível em <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-da-coreia.htm>>. Acesso em 11 de março de 2025.

¹⁰ FELIPPE, Fabricia. Repensando a Guerra da Coreia: o papel das grandes potências na criação e perpetuação do conflito da península coreana. 2019, 4 f. Trabalho – ERABED – Associação Brasileira de Estudos de Defesa, Encontro Regional, 2019. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.erabedsudeste2019.abedef.org/resources/anais/12/erabedsudeste2019/1570925331_ARQUIVO_e26b9c6d35d7c83bc8fecc3a75f55af.pdf>. Acesso em 11 de março de 2025.

¹¹ HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991). Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 32, 58 e 422.

Além disso, a Guerra da Coreia, de acordo com Friede¹², em seu artigo “Gênese da Bipolaridade Confrontativa Indireta na Guerra da Coreia”, foi o primeiro exemplo do que passamos a denominar de “Bipolaridade Confrontativa Indireta”. Tal denominação, também chamada de "Assimetria Reversa Reflexa", surgiu quando, em vez de uma confrontação direta entre as duas potências da Guerra Fria, Estados Unidos e União Soviética, o que poderia resultar em catástrofe para ambos e o resto do mundo, devido à possível utilização da tecnologia atômica, embates começaram a se dar em outros locais, onde uma parte era apoiada pelos Estados Unidos e outra pela União Soviética. Logo, a disputa se manifestava através de conflitos em outros países ou regiões, onde cada potência apoiava facções ou interesses opostos. Outro exemplo que podemos citar como ocorrência de tal fato foi a Guerra do Vietnã, como nos ensina Silva (ONLINE):

A Guerra do Vietnã foi um conflito marcante do século XX entre Vietnã do Norte, Vietnã do Sul e os vietcongues (resistência socialista no Sul). Teve a influência direta de países comunistas como China e União Soviética e dos Estados Unidos da América, cuja interferência até hoje ressoa negativamente no imaginário bélico da superpotência. A Guerra do Vietnã chocou o mundo pelos impactos gerados aos civis e ao meio ambiente por meio dos bombardeamentos indiscriminados na região. (Silva, Online)¹³.

Como podemos inferir, a Guerra Fria foi palco de, além de demonstrações de força militar por parte dos Estados Unidos e da União Soviética, como desfiles bélicos de demonstração de armamentos, efetivas guerras em localidades onde a regra básica era um lado ser apoiado pelos Estadunidenses e o outro pelos Soviéticos.

2. ANALISANDO OS MEANDROS DA GUERRA DA COREIA E A ATUALIDADE NA PENÍNSULA

Discorrendo sobre a guerra em si, com todas suas motivações e confrontos efetivamente bélicos, podemos observar que esta, a grosso modo, cronologicamente pode ser entendida nas seguintes fases: A ofensiva norte-coreana, a contraofensiva da Coreia do Sul, dos Estados Unidos e seus aliados, Grã-Bretanha, Austrália, Nova Zelândia e outros sob a bandeira da ONU e a ofensiva chinesa (1950); Combates no paralelo 38 e impasse (1951-1953) e o final com o armistício em 1953. Foi o primeiro conflito significativo da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética (Passos e Santos, 2014)¹⁴.

Conforme apontam Mannarino e Dourado (2011)¹⁵, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas apoiou a Coreia do Norte, no início da guerra, com armamentos e conselhos estratégicos. Mas a China logo emergiu como o

¹² FRIEDE, Roy Reis. Gênese da Bipolaridade Confrontativa Indireta na Guerra da Coreia. Revista da UNIFA, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 7 - 18, jan./jun. 2020.

¹³ SILVA, Daniel Neves. "O que foi a Guerra do Vietnã?"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-a-guerra-vietna.htm> . Acesso em 15 de abril de 2025.

¹⁴ DOS PASSOS, Rodrigo; DOS SANTOS, Mieny Cássia Nakamura. A GUERRA DA COREIA (1950-1953): um estudo sob a ótica do legado teórico de Edward Hallet Carr. Artigo. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

¹⁵ MANNARINO, Giovanni; DOURADO, Lauter. A China e a Guerra da Coréia (1950-1953). Niterói, 2011.

aliado mais importante, enviando soldados. As tropas enviadas por Mao foram constituídas por soldados de origem coreana que haviam lutado no Exército de Libertação Popular durante a Revolução Chinesa. Eles cruzaram a fronteira, em sua maioria, munidos de seus equipamentos, evidência da participação da China nos preparativos para a guerra. No dia 25 de junho de 1950 os norte-coreanos atacaram o Sul, levando os sul-coreanos a recuarem para o sul da península e culminando na conquista de Seul em semanas. Contudo, no dia 27, os Estados Unidos declaram guerra à Coreia do Norte, se juntando à Coreia do Sul.

A guerra se acirra e se torna possível notar a quantidade de baixas para o povo coreano, bem como a destruição de infraestruturas e da própria sociedade ali existente, servindo como um abominável exemplo de um de nossos objetivos específicos no presente artigo, o qual se trata de demonstrar efeitos da guerra à época na Península Coreana. Para tal, é coerente utilizar das palavras de Mason (2017):

Essa guerra provocou enormes sofrimentos e perdas para o povo coreano - cerca de dois milhões de militares e três milhões de civis morreram. Isso criou uma geração inteira de viúvas e órfãos e uma perda maciça de infraestrutura da qual a Coreia custou a se recuperar. Uma grande campanha de bombardeio aéreo [se] iniciou com o General MacArthur no comando, ordenando a destruição de qualquer aspecto de infraestrutura e sociedade humana, mesmo casa de aldeias, na Coreia do Norte. A capital, Pyongyang, foi praticamente destruída. A guerra nada resolveu, obteve pouco além de destruição, com os dois estados rivais no final ainda se enfrentando após um acordo de cessar-fogo ao longo do paralelo de latitude 38. (Mason, 2017, p. 305)¹⁶.

Tal barbárie finalizou em 1953, quando o armistício foi assinado entre o Comando da ONU, os norte-coreanos e os chineses, com a recusa do governo sul-coreano de assinar o tratado. Neste, foram traçados os aspectos beligerantes e militares do cessar-fogo e a criação da Zona Desmilitarizada ao redor do paralelo 38^o, como nos lembra Geiger (2017)¹⁷.

Aqui cabe lembrar que ocorreu na Guerra da Coreia o início do uso ostensivo do helicóptero, principalmente como veículo aéreo de resgate de tropas. Nos valem de Pedrezani (2021)¹⁸ nesse sentido:

*O emprego sistemático e decisivo de helicópteros em resgates começou exatamente durante Guerra da Coreia (1950-1953). Nesse conflito houve **pela primeira vez** o uso de **helicópteros de forma organizada**. O propósito do governo americano era, de fato, conseguir salvar o maior número possível de combatentes feridos no campo de batalha. Segundo o historiador Lynn Montross, durante os primeiros 12 meses de operação em 1951, helicópteros do Exército transportaram 5.040 feridos. Em meados de 1953, apesar das deficiências dos primeiros helicópteros, foram evacuadas 1.273 vítimas em um único mês.*

¹⁶ MASON, Colin. Uma breve história da Ásia. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2018.

¹⁷ GEIGER, Luana. As Origens da Revolução Coreana: Circunstâncias Locais e Legados Históricos. SÉCULO XXI, Porto Alegre, v. 8, n. 1, 2017.

¹⁸ PEDREZANI, Thiago. O helicóptero mostrou sua versatilidade salvando milhares de soldados durante a Guerra da Coreia. Resgate Aeromédico: Aviação e Saúde. 18 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.resgateaeromedico.com.br/o-helicoptero-mostrou-suaversatilidade-salvando-milhares-de-soldados-durante-a-guerra-da-coreia/>>. Acesso em 16 de abril de 2025.

Na época, constataram que o principal problema clínico era a hemorragia por arma de fogo, evento que o sistema de saúde que estava em campo não era capaz de responder. Assim, os EUA entenderam que para evitar complicações e mortes, uma intervenção cirúrgica imediata era necessária.

Assim, o primeiro resgate de helicóptero ocorreu durante o conflito coreano, onde as enfermeiras puderam cuidar da reposição volêmica por meio de gotejamento, e depois disso confiavam a vítima ao piloto e ao engenheiro de voo que realizavam o transporte para a unidade cirúrgica atrás das linhas de combate. (Pedrezani, 2021, Online).

Tal aparato logo evoluiria para outras funções, demonstrando diferentes possibilidades futuras de uso, como relata Flores Jr. (2015)¹⁹:

*Na década de 50, o uso ostensivo do helicóptero na **Guerra da Coreia**, foi uma das maiores evoluções táticas no campo de batalha, desde o aparecimento dos carros de combate, na **Primeira Guerra Mundial**. Apesar de ter seu emprego mais voltado para o resgate de soldados feridos em combate e de tripulações abatidas atrás das linhas inimigas, sua presença maciça já foi o prenúncio das novas possibilidades no quesito mobilidade aérea, para a tropa e para o ressuprimento aéreo. (Flores Jr., 2015).*

Para finalizar tal assunto, nos utilizaremos de um artigo apresentado em 10 de outubro de 2022 ao Centro de Instrução de Aviação do Exército como requisito parcial para obtenção do Grau Tecnólogo em Sistemas Mecânicos de Aeronaves de um aluno do Curso de Formação e Graduação de Sargentos do referido Centro, Guilherme Souza Ribeiro²⁰:

Diante do avanço aeronáutico nos períodos seguintes, é possível notar que as aeronaves de asas rotativas se tornaram indispensáveis no teatro de operações dos conflitos modernos devido a sua versatilidade no cumprimento de diversas missões. Nesse sentido, entre 1950 e 1953, durante a Guerra da Coreia, o helicóptero Sikorsky H-19, primeiro a ser produzido para uso verdadeiramente militar, desempenhou importantes papéis de reconhecimento, resgate e manobra, porém ainda sem poder de fogo. (Ribeiro, 2022).

Anos após, nos dias de hoje, ao nos voltarmos para mais um de nossos objetivos específicos, avaliamos como permanece a relação entre as Coreias, uma vez que não houve acordo de paz ao final do conflito na Península Coreana, apenas uma trégua temporária ou armistício, onde as partes envolvidas no embate armado concordaram em parar de lutar, porém não demarcando necessariamente o fim da guerra. Podemos dizer, com a colaboração de Santos e Passos novamente²¹, que o assim chamado “estado de guerra técnico” entre Norte e Sul e que permanece inalterado desde o armistício – ainda vigente - que pôs termo ao conflito é sintomático de que a Guerra da Coreia e seus desdobramentos estão longe de mostrar uma política eficiente de equilíbrio. Ao contrário, o que se demonstra é um estado apreensivo e angustiado na relação entre as duas nações.

¹⁹ FLORES JR., Jackson. **Aeronaves Militares Brasileiras: 1916-2015**. Rio de Janeiro: Action Editora, 2015.

²⁰ RIBEIRO, Guilherme Souza. Artigo “O HELICÓPTERO DE ATAQUE COMO VETOR AÉREO DE COMBATE NOS CONFLITOS ATUAIS”. 2022. Disponível em <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/13699/1/-%20Artigo%20Cient%C3%ADfico%20-%20Al%20Guilherme%20Souza.pdf>. Acesso em 16 de abril de 2025.

²¹ DOS PASSOS, Rodrigo; DOS SANTOS, Mieny Cássia Nakamura. A GUERRA DA COREIA (1950-1953): um estudo sob a ótica do legado teórico de Edward Hallet Carr. Artigo. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

Mesmo com o fim da Guerra Fria, o Norte permanece em estado de guerra, fortemente mobilizado com um dos maiores exércitos do mundo e o recente desenvolvimento de armas nucleares e o Sul com centenas de milhares de tropas estadunidenses em seu solo. Logo, podemos induzir que a Guerra Fria parece não ter terminado nos dois países, permanecendo o clima de tensão bélica entre as nações.

A Coreia do Norte é costumeiramente tratada como um país fechado, de governo totalitário, onde circula pouca ou nenhuma informação sobre o que acontece dentro das áreas fronteiriças da nação. Um de nossos intentos específicos é desmistificar ou, ao menos, demonstrar que nada pode ser tomado como absoluto, através de relatos embasados por pessoas que realmente lá estiveram. Não podemos olvidar que, academicamente, asseguramos e preservamos em mente que a História tem diversos lados. Freitas (Online, 2022)²² nos mostra como o próprio nome do fato histórico pode demonstrar uma posição: nos EUA e no Ocidente é Guerra da Coreia, mas na Coreia do Norte é Guerra de Libertação da Pátria. Por esta razão, o governo da Coreia do Norte ou República Popular Democrática da Coreia (RPDC) comemora no dia 27 de julho o que eles chamam de “Dia da Vitória na Guerra de Libertação da Pátria”.

Além disso, como nos repassa Schenkel (2020), gaúcho de São Leopoldo, diplomata que está no Itamaraty há mais de dezoito anos e viveu por cerca de dois anos e meio com a mulher e o filho em Pyongyang, capital da Coreia do Norte, no livro “Nunca Sozinho: A Vida na Coreia do Norte Pelo Olhar de um Brasileiro”:

O processo de afirmação de que a RPDC é um país peculiar não é só um lugar-comum. É quase um eufemismo, que apenas arranha a superfície quando se tenta explicar o funcionamento das coisas nesse lugar que segue na contramão das tendências globais. Andrei Lankov, possivelmente o estrangeiro com mais conhecimento sobre a RPDC, equiparou o reino dos Kim a um “dinossauro político” que sobreviveu à extinção de quase todos os outros de sua espécie, a exemplo dos que caíram como dominós no leste da Europa após a dissolução da União Soviética. Na mesma linha, o professor da Universidade de Moscou e representante comercial da URSS em Pyongyang no final dos anos 70, Georgy Toloraya, comparou o que havia visto naqueles dias com o cenário atual, concluindo que “a RPDC é um país que nasceu para replicar o stalinismo soviético e assim ficou congelada até hoje”. Essas são imagens válidas para descrever a parte à vista do iceberg coreano. A parte submersa, porém, é muito maior e muito mais difícil de se resumir com rótulos prontos. As observações que seguem, sobre as cidades, a cultura e o comportamento no país, ajudam a montar o complexo quebra-cabeça da sociedade local. (Schenkel, 2020, p. 10).²³

Nessa toada, verificamos que existe muito sobre a Coreia do Norte hermeticamente fechada que não nos é exposto. O autor, que viveu efetivamente na capital daquele país, assume que não há como resumir ou reduzir em rótulos prontos o que se encontra e acontece por trás do isolamento territorial e cultural naquela localidade, nos

²² FREITAS, Rafael. A Guerra da Coreia e um exemplo de desinformação. O Alvoradense. Disponível em <<https://oalvoradense.com.br/a-guerra-da-coreia-e-um-exemplo-de-desinformacao/#:~:text=Segundo%20Hobsbawm%2C%20a%20Guerra%20da,Era%20dos%20extremos>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2025.

²³ SCHENKEL, Cleiton. Nunca sozinho: a vida na Coreia do Norte pelo olhar de um brasileiro. Lisboa, Portugal. Chiado Books, 2020, p. 10.

remetendo a mais um de nossos objetivos específicos, onde verificamos os modelos políticos, econômicos, sociais e culturais de cada Coreia.

Sobre a parte sul da Península, podemos citar a publicação de “Coreia do Sul: novas visões” do autor Fernando Roberto de Freitas Almeida. Na obra mencionada²⁴, o escritor relata sobre como a Coreia do Sul é um dos países que mais se destacaram no sistema internacional nas últimas décadas, tendo passado de uma situação de extrema pobreza para a posição de país desenvolvido muito rapidamente. Sendo o principal membro do grupo que já foi denominado como “Tigres Asiáticos”, além de ter criado e desenvolvido empresas de alta tecnologia, projetadas mundialmente, soube reforçar e, por vezes, reconstruir sua cultura, devastada pela prolongada ocupação japonesa, se beneficiando de uma renda estratégica por sua localização, próxima à China, Rússia e Japão. Nesse sentido, podemos dizer que a Coreia do Sul se tornou, no pós-Guerra da Coreia, um país desenvolvido, com bastante capital industrial e investimentos na própria cultura e a propagação desta a nível mundial, através de músicas, filmes, séries e outros segmentos artísticos.

Nos mantendo na atualidade da Península Coreana, iremos novamente recorrer a Felipe (2019) ao mencionar o seguinte:

Com o fim da Guerra Fria, a agenda internacional se volta para a questão do desarmamento, levando a península a alterar sua agenda nacional e internacional. Assim, as Coreias passam a participar mais ativamente do cenário internacional, participando de tratados internacionais sobre o tópico a partir de 1963. A Coreia do Sul ratificou o total de 10 tratados de desarmamento antes da virada do milênio, enquanto a Coreia do Norte ratificou 5, entre eles o Tratado de Não Proliferação de Armamentos Nucleares. (Felipe, 2019, p. 5).²⁵

Logo, podemos perceber passos na direção do efetivo fim da Guerra, inclusive com a participação da comunidade internacional, porém não tão facilmente ou rapidamente como gostaríamos, tal qual nos demonstra Felipe (2019):

A cúpula, contudo, viria a ser realizada em Cingapura, no dia 12 de junho de 2018. Esta resultou na confecção de um Documento Comum, assinado por ambos os líderes, no qual se acordou a relação entre os países, um esforço comum para construção da paz na península, um comprometimento da RPDC de desnuclearizar a península, a repatriação imediata dos prisioneiros de guerra e o envio de seus restos mortais. Ademais, acordou-se a troca de visitas entre Trump e Kim e a continuidade das negociações, que serão realizadas pelo Secretário de Estado dos EUA e um homólogo da RPDC. Para além disso, as sanções contra a Coreia do Norte serão mantidas até que seja averiguado que o armamento nuclear do país não é mais um risco e a suspensão dos exercícios militares conjunto dos EUA com a Coreia do Sul.

Contudo, o que ocorreu foi uma série de congelamentos e descongelamentos nas conversas de paz, levando a realização da segunda cúpula somente no ano de 2019, a continuidade do programa nuclear norte-americano e dos exercícios militares entre a Coreia do Sul e os EUA. (Felipe, 2019, p. 6 e 7).

3. INTERVINDO NA PENÍNSULA COREANA: DEBATES SOBRE POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA O FIM DA GUERRA DA COREIA

Recapitulando o que mostramos até aqui, podemos destacar como pontos mais importantes do presente artigo, o seguinte: o objetivo geral é discutir a Guerra da Coreia na esteira do término da Segunda Guerra Mundial e advento da Guerra Fria, bem como suas causas e efeitos na atualidade global. Para tal, utilizamos os efeitos da guerra à época na Península Coreana, relatando sobretudo o grande número de mortos no conflito; após, avaliamos como permanece a relação entre as Coreias, uma vez que não houve acordo de paz ao final do conflito na Península Coreana em 1953, apenas um armistício, ou seja, a Guerra da Coreia não terminou oficialmente e, por fim, verificamos os modelos atuais políticos, econômicos, sociais e culturais de cada Coreia e desmistificamos algumas informações tidas como fatos sobre a República Popular da Democrática da Coreia ou Coreia do Norte, através de obras contemporâneas escritas sobre o país.

O intento de tal texto foi problematizar os efeitos remanescentes da Guerra da Coreia naquela península, anos após o conflito, e as influências no mundo atual. Tal fato nos levou à questão problemática do atual artigo: quais as chances e como podemos avaliar se teremos uma nova Guerra da Coreia?

Nos últimos anos da década de 2010, mais precisamente em 2018, houve conversas entre as duas Coreias a respeito da unificação da Península, com Estados Unidos e China observando e intermediando como positivo tal objetivo. No entanto, como nos diz Felipe (2019)²⁶, os dois países diferem quanto ao alinhamento da Coreia unificada. A China, por exemplo, não é favorável a uma Coreia alinhada aos EUA. Porém, o impacto dessa animosidade não fica somente no imaginário, tendo repercussões reais na atual tentativa de conciliação uma vez que:

Os esforços atuais para resolver a questão nuclear norte-coreana vêm no contexto de uma relação cada vez mais antagônica entre Washington e Pequim. Os Estados Unidos classificaram a China como um "competidor estratégico" e os dois países estão envolvidos em uma guerra comercial e uma rivalidade tecnológica. Um dos principais desafios para os Estados Unidos é manter a coordenação com a China nos esforços em relação à Coreia do Norte, separados das discussões sobre outras questões bilaterais. (USIP SENIOR GROUP, 2019, p. 16)²⁷.

²⁶ FELIPPE, Fabricia. Repensando a Guerra da Coreia: o papel das grandes potências na criação e perpetuação do conflito da península coreana. 2019, 4 f. Trabalho – ERABED – Associação Brasileira de Estudos de Defesa, Encontro Regional, 2019. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.erabedsudeste2019.abedef.org/resources/anais/12/erabedsudeste2019/1570925331_ARQUIVO_e26b9c6d35d7c83bc8fecc3a75f55af.pdf>. Acesso em 11 de março de 2025.

²⁷ USIP SENIOR STUDY GROUP. China's Role in North Korea Nuclear and Peace Negotiations. USIP Senior Study Group Final Report, n. 2, maio de 2019.



Por consequência, o governo chinês vem tentando manter o *status quo* da região. Contudo, isto não quer dizer que ele não está envolvido nas negociações do conflito.

A China observará atentamente a cúpula Trump-Kim com a esperança de que passos cruciais sejam dados em direção à paz na península, que servem aos melhores interesses da China. Mas Pequim também está seriamente preocupada com os detalhes dos acordos, bem como com o papel que pode desempenhar enquanto as negociações avançam. Embora por muito tempo tenha desempenhado um papel significativo de mediador, Pequim precisou afastar-se e observar de fora o desenvolvimento desse importante problema de segurança para a região. Para se manter mais diretamente envolvido no processo, Pequim está pressionando para que a cúpula Trump-Kim ocorra na China, o que pode ser uma escolha racional, dada não apenas a conveniência do local para Kim, cujo avião especial é muito pobre para percorrer longas distâncias, mas também dado o papel histórico da China como mediador. (Huang, 2018).²⁸

Tal cúpula, contudo, viria a ser realizada em Cingapura, no dia 12 de junho de 2018. Esta resultou na confecção de um Documento Comum, assinado por ambos os líderes coreanos, no qual se acordou a relação entre os países, um esforço comum para construção da paz na península, um comprometimento da RPDC de desnuclearizar a península, a repatriação imediata dos prisioneiros de guerra e o envio de seus restos mortais. Ademais, acordou-se a troca de visitas entre Trump e Kim e a continuidade das negociações, que seriam realizadas pelo secretário de Estado dos EUA e um homólogo da RPDC. Para além disso, conforme Felipe (2019), as sanções contra a Coreia do Norte seriam mantidas até que fosse averiguado que o armamento nuclear do país não era mais um risco e a suspensão dos exercícios militares conjunto dos EUA com a Coreia do Sul. Contudo, o que efetivamente ocorreu foi uma série de congelamentos e descongelamentos nas conversas de paz, levando à realização da segunda cúpula somente no ano de 2019, a continuidade do programa nuclear norte-coreano e dos exercícios militares entre a Coreia do Sul e os EUA.

Com todo o relatado em mente, podemos aduzir que, apesar dos contratemplos, existe um esforço internacional para o fim da Guerra da Coreia e uma possível unificação dos dois países. Não podemos olvidar que²⁹:

²⁸HUANG, Carl Pi-Cheng. Korean Studies Institute. Disponível em <<https://dornsife.usc.edu/ksi/carl-huang/>>. 2018. Acesso em 11 de abril de 2025.

²⁹VIZENTINI, Paulo Fagundes e PEREIRA, Analúcia Danilevicz, A discreta transição da Coreia do Norte: diplomacia de risco e modernização sem reforma. 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/SyPqFPGgmnqzrrzXDKxVRxw/>>. Acesso em 11 de abril de 2025.

Os Estados coreanos, ao longo da história, desenvolveram notável habilidade diplomática para sobreviver entre grandes potências, e as elites dirigentes lograram manter unidade e estabilidade internas. Tais características foram aprofundadas pela RPDC e, em parte, perdidas pelo Sul. O culto aos líderes tem raízes na cultura política coreana e na situação interna (diversas facções no movimento comunista coreano e divisão do país) e externa (o contínuo jogo com potências amigas e inimigas). Após um período em que foi previsto o seu fim, a Coreia do Norte logrou certa estabilidade política e retomada do desenvolvimento, especialmente com a ascensão de Kim Jong Un ao poder. Há indícios da implementação de um projeto de modernização, mas, provavelmente, sem as reformas de tipo chinês. Mais uma vez, a RPDC busca uma via original, contra ventos e marés. Velhos e conhecidos problemas persistem e a RPDC segue sendo uma sociedade tipicamente asiática e socialista, complicada de compreender. Um verdadeiro planeta Marte: vermelho, Deus da guerra e difícil de acessar. (Vizentini, Paulo Fagundes e Pereira, Analúcia Danilevicz, 2014, Online).

Indicamos, como possibilidade futura de pesquisa, justamente a causa de ainda não ter acontecido o efetivo final da Guerra Coreana, apesar da ocorrência de cúpulas para discussão sobre o assunto e a histórica habilidade diplomática coreana, demonstrada na citação acima.

Como sugestão de intervenção, com o fito de propor uma solução para o sobredito, não podemos deixar de recordar e frisar a realização de conversas entre os países, notoriamente sendo mediadas pela comunidade internacional, tendo em vista que a unificação da península ou, ao menos, o desfecho efetivo da Guerra Coreana, se trata de tema inerente ao bem-estar global, pelo mal que a continuação de tal conflito poderia trazer, especialmente ao se pensar em posse e possível uso de armas nucleares por parte da Coreia do Norte.

Afinal, como nos ensina Dos Santos e Dos Passos (2014), em seu artigo intitulado “A Guerra da Coreia (1950-1953): um estudo sob a ótica do legado teórico de Edward Hallet Carr”³⁰:

O assim chamado “estado de guerra técnico” entre Norte e Sul e que permanece inalterado desde o armistício – ainda vigente - que pôs termo ao conflito é sintomático de que a Guerra da Coreia e seus desdobramentos estão longe de mostrar uma política eficiente de equilíbrio entre utopismo e realismo. Mesmo com o fim da Guerra Fria, o Norte permanece em estado de guerra, fortemente–mobilizado com um dos maiores exércitos do mundo e o recente desenvolvimento de armas nucleares e o Sul com centenas de milhares de tropas estadunidenses em seu solo. (Dos Santos e Dos Passos, 2014).

³⁰ DOS SANTOS, Mieny Cássia Nakamura. A GUERRA DA COREIA (1950-1953): um estudo sob a ótica do legado teórico de Edward Hallet Carr. Artigo. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

Ainda nesta toada, com a participação de outros países e da comunidade internacional na resolução derradeira do conflito, Felipe (2019)³¹ conclui que:

Sem a intervenção das grandes potências regionais e internacionais em sua busca por novos mercados consumidores, mão-de-obra e matéria-prima, dificilmente ocorreria a separação da península coreana. Mesmo que a Guerra (Civil) da Coreia ainda viesse a acontecer, é impossível analisar a história da Guerra da Coreia e não perceber que, sem a intervenção americana e posterior intervenção sino-soviética, esta teria terminado com a unificação da península sob um governo ou outro. Para além, é sensato imaginar que a Guerra da Coreia não terá um fim até que se realize uma conferência com todas as partes envolvidas direta ou indiretamente, de modo a sanar todos os medos e receios para que, enfim, possa-se chegar a um Acordo de Paz. (Felipe, 2019).

CONCLUSÃO

Demonstramos ideias ao longo do artigo que merecem ser lembradas rumo à conclusão e resposta para nossa pergunta norteadora. Começamos com a definição da Guerra da Coreia em si, suas causas, atores, período no qual ocorreu, sendo um produto derivado da Guerra Fria, seguindo nosso objetivo geral, além dos específicos.

O objetivo geral foi discutido de forma a demonstrar a Guerra da Coreia como efeito do término da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética, o que foi emblemático para a península coreana ao ser dividida em duas áreas, divisão esta imposta pelas duas potências mencionadas, refletindo a tensão existente devido à bipolarização do mundo na época.

Os objetivos específicos foram atendidos da seguinte forma: verificamos os efeitos da guerra à época na Península Coreana, relatando sobretudo o massacre ocorrido, avaliado pelo grande número de mortos no conflito. Após, demonstramos como ocorre a relação atual entre as Coreias, uma vez que houve em 1953, apenas um armistício, ou seja, as Coreias continuam em estado de guerra, já que esta não terminou oficialmente. Por derradeiro, verificamos

³¹ FELIPPE, Fabricia. Repensando a Guerra da Coreia: o papel das grandes potências na criação e perpetuação do conflito da península coreana. 2019, 4 f. Trabalho – ERABED – Associação Brasileira de Estudos de Defesa, Encontro Regional, 2019. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfindmkaj/https://www.erabedsudeste2019.abedef.org/resources/anais/12/erabedsudeste2019/1570925331_ARQUIVO_e26b9c6d35d7c83bc8fecc3a75f55af.pdf>. Acesso em 11 de março de 2025.



os modelos atuais políticos, econômicos, sociais e culturais de cada Coreia e desmistificamos algumas informações tidas como fatos sobre a República Popular da Democrática da Coreia ou Coreia do Norte, através de obras contemporâneas escritas sobre o país.

Acreditamos ter contribuído para a área estudada, pois além das demonstrações de fatos sobre o tema, indicamos, como possibilidade futura de pesquisa, preocupados com a quebra do armistício e continuação da guerra, justamente a causa de ainda não ter acontecido o efetivo final da Guerra Coreana, apesar da ocorrência de cúpulas internacionais para discussão sobre o assunto. A posse de material nuclear e atômico pela Coreia do Norte deve ser causa de preocupação para todo o planeta, pois em caso de utilização deste, testemunharíamos grande catástrofe em escala mundial.

Tal fato nos levou à pergunta problema do atual artigo: quais as chances e como podemos avaliar se teremos uma nova Guerra da Coreia?

Com o fito de solucionarmos tal questão premente, as chances de retomada da guerra e como definir se acontecerá ou não, devemos inserir outras nações na resolução do conflito para que possam existir conversas e discussões sobre o término efetivo da Guerra da Coreia, com acordo validado tanto pela Coreia do Norte, quanto pela do Sul. Podemos aduzir que a comunidade internacional da época da Guerra Fria, capitaneada a um lado pelos Estados Unidos e outro pela União Soviética, teve notável influência no início da Guerra da Coreia, no momento em que americanos e soviéticos determinaram a divisão da Península Coreana em duas zonas de influência, como visto.

Logo, faz-se mister que esta mesma comunidade internacional nos dias de hoje, participe de uma resolução pacífica, mediando as duas Coreias através de acordos e convenções, até que seja finalmente alcançado o fim efetivo da Guerra da Coreia e não somente um armistício. Esta foi a solução e resposta a qual chegamos em relação à nossa pergunta norteadora, após nos debruçarmos sobre o tema através de várias fontes, as quais nos esclareceram e citamos devidamente abaixo.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA, Fernando Roberto de Freitas. Coreia do Sul: novas visões. Curitiba, Paraná, Brasil. Editorial Casa, 2022, prefácio.
2. CAMPOS, Tiago Soares. Guerra da Coreia. Mundo Educação. Disponível em <<https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/guerra-coreia.htm>>. 2019. Acesso em 03 de janeiro de 2025.
3. DE JESUS, José Manuel Duarte. Coreia do Norte: a última Dinastia Kim. Lisboa, Portugal. Edições 70, 2018.
4. DOS PASSOS, Rodrigo e DOS SANTOS, Mieny Cássia Nakamura. A GUERRA DA COREIA (1950-1953): um estudo sob a ótica do legado teórico de Edward Hallet Carr. Artigo. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
5. FELIPPE, Fabricia. Repensando a Guerra da Coreia: o papel das grandes potências na criação e perpetuação do conflito da península coreana. 2019, 4 f. Trabalho – ERABED – Associação Brasileira de Estudos de Defesa, Encontro Regional, 2019. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmninnibpcjpcglclefindmkaj/https://www.erabedsudeste2019.abedef.org/resources/analysis/12/erabedsudeste2019/1570925331_ARQUIVO_e26b9c6d35d7c83bc8fecc3a75f55af.pdf>. Acesso em 11 de março de 2025.
6. FLORES JR., Jackson. Aeronaves Militares Brasileiras: 1916-2015. Rio de Janeiro: Action Editora, 2015.
7. FREITAS, Rafael. A Guerra da Coreia e um exemplo de desinformação. O Alvoradense. Disponível em <<https://oalvoradense.com.br/a-guerra-da-coreia-e-um-exemplo-de-desinformacao/#:~:text=Segundo%20Hobsbawm%2C%20a%20Guerra%20da,Era%20dos%20extremos>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2025.
8. FRIEDE, Roy Reis. Gênese da Bipolaridade Confrontativa Indireta na Guerra da Coreia. Revista da UNIFA, Rio de Janeiro, v. 33, n. 1, p. 7 - 18, jan./jun. 2020.
9. GEIGER, Luana. As Origens da Revolução Coreana: Circunstâncias Locais e Legados Históricos. SÉCULO XXI, Porto Alegre, v. 8, n. 1, 2017.



10. HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991). Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 32, 58 e 422.
11. HUANG, Carl Pi-Cheng. Korean Studies Institute. Disponível em <<https://dornsife.usc.edu/ksi/carl-huang/>>. 2018. Acesso em 11 de abril de 2025.
12. MANNARINO, Giovanni e DOURADO, Lauter. A China e a Guerra da Coreia (1950-1953). Niterói, 2011.
13. MASON, Colin. Uma breve história da Ásia. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2018.
14. OBERDORFER, Don e CARLIN, Robert. The Two Koreas: A Contemporary History. 3. ed. Nova Iorque: Basic Books, 2014, p. 5.
15. PEDREZANI, Thiago. O helicóptero mostrou sua versatilidade salvando milhares de soldados durante a Guerra da Coreia. Resgate Aeromédico: Aviação e Saúde. 18 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.resgateaeromedico.com.br/o-helicoptero-mostrou-suaversatilidade-salvando-milhares-de-soldados-durante-a-guerra-da-coreia/>>. Acesso em 16 de abril de 2025.
16. RIBEIRO, Guilherme Souza. Artigo "O HELICÓPTERO DE ATAQUE COMO VETOR AÉREO DE COMBATE NOS CONFLITOS ATUAIS". 2022. Disponível em <<chrome-extension://efaidnbmnnpkajpcglclefindmkaj/https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/13699/1/-%20Artigo%20Cient%C3%ADfico%20-%20Al%20Guilherme%20Souza.pdf>>. Acesso em 16 de abril de 2025.
17. SCHENKEL, Cleiton. Nunca sozinho: a vida na Coreia do Norte pelo olhar de um brasileiro. Lisboa, Portugal. Chiado Books, 2020, p. 10.
18. SILVA, Daniel Neves. Guerra da Coreia. História do Mundo. Disponível em <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/guerra-da-coreia.htm>>. Acesso em 11 de março de 2025.
19. SILVA, Daniel Neves. "O que foi a Guerra do Vietnã?"; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-foi-a-guerra-vietna.htm>>. Acesso em 15 de abril de 2025.



20. USIP SENIOR STUDY GROUP. China's Role in North Korea Nuclear and Peace Negotiations. USIP Senior Study Group Final Report, n. 2, maio de 2019.

21. VIZENTINI, Paulo Fagundes e PEREIRA, Analúcia Danilevicz. A discreta transição da Coreia do Norte: diplomacia de risco e modernização sem reforma. 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbpi/a/SyPqFPGgmnqzrrzXDKxVRxw/>>. Acesso em 11 de abril de 2025.

22. VIZENTINI, Paulo Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz e MELCHIONNA, Helena Hoppen. A Revolução Coreana: O desconhecido socialismo Zuche. 1. ed. Editora UNESP, 2015.